

SEMINÁRIO DE PESQUISA NEC 2023

11-12 abr.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPACIALIDADES CONTEMPORÂNEAS | NEC.IAU.USP



CAMINHAR, CARTOGRAFAR E ESCREVER: UMA INVESTIGAÇÃO INTERSECCIONAL DA CIDADE DE BRASÍLIA

COSTA, Ana Clara Vieira; anacosta@discente.ufg.br; UAECSA-UFG

Pesquisa de Iniciação Científica, orientada por Prof. Dr. Gabriel Teixeira Ramos

Iniciada em Setembro de 2022

1 Introdução

O caminhar enquanto experiência comum é uma intervenção do espaço e uma experimentação urbana. Na vivência do espaço público é concentrada uma falsa ideologia de que todos têm na prática os mesmos direitos. Entretanto, é sabido que o deslocamento não é reproduzido de maneira universal quando olhado pela perspectiva de inserção das discussões sobre gênero e raça na urbanidade. Então, ao questionar como o caminhar feminino ocorre em uma cidade moderna, como Brasília/DF, é que surge a inquietação advinda de experiência própria como mulher negra caminhante.

A prática de recolhimento do corpo feminino em sua experiência trivial no meio urbano é evidenciado na coletânea “Quem tem medo do feminismo negro” de Ribeiro (2019). As análises vão se basear na existência de uma força masculina intrínseca na constituição das cidades e espaços públicos, que se tornam locais de incomodidade para corpos femininos. Exemplificado de forma direta, um dos propósitos da pesquisa refere-se à própria exposição da problemática de se pregar um discurso universal na forma de experimentação do urbano.

(...) pretende-se também refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autoritário e único, que se pretende universal” (RIBEIRO, 2017, p. 69)

Com o vínculo do corpo feminino, que é o maior objeto de estudo presente, e a ação de caminhar, é introduzido na pesquisa o conceito de “grande jogo do caminhar” presente no livro “Walkscapes” de Careri (2002). Podemos entender esta ação como uma forma de conhecer o mundo, mas também de transformar o espaço. Assim, evidencia-se que o deslocamento de forma observadora e crítica manifesta as consequências do urbanismo produzido por e para homens e seus vestígios na forma de deslocamento de corpos femininos, também entendendo sua potencialidade para o questionamento e resistência ao modelo empregado.

Em conjunto com a análise da historiadora de arte Deutsche (2018), em seu texto “Agorofobia”, entende-se que existe uma necessidade de recursos para amenizar a fobia que é experimentada pela mulher ao se jogar no espaço coletivo.

Nas ruas e praças, onde os homens têm mais direitos, mulheres elaboram estratégias para evitar as ameaças que as acometem no espaço público. A mulher fóbica pode tentar estabelecer, e se manter nos limites, do que ela considera uma zona segura. Ela inventa “histórias de capa”: explicações para suas ações que, como certa socióloga escreve, “não revelam que ela é o que é, uma pessoa com medo de espaços públicos”. (DEUTSCHE, 2018)

Entendendo a angústia da mulher ao caminhar no espaço público e como a reprodução visual do meio não traduz esse sentimento, formula-se como questão: como produzir uma cartografia que traduza essa fobia e que coloque em xeque o modelo urbano apresentado na cidade de Brasília? O andamento da pesquisa dedica-se em especial na via W3 Norte, entre as quadras 713/714 e 513/514.

2 Objetivos

A partir da identificação das problemáticas conhecidas pelo corpo feminino no espaço público o objetivo da pesquisa é caminhar, observar e escrever criticamente sobre esta experiência, sendo evidenciado as adequações que as mulheres fazem para estar nesse espaço. São estas:

- 1) Caminhar, observar e escrever sobre a ação de se deslocar reproduzidas por corpos femininos;
- 2) Destacar as divergências existentes entre a reprodução visual dos espaços existentes e a realidade;
- 3) Identificar/reconhecer estratégias utilizadas por corpos femininos no exercício de caminhar cotidianamente;
- 4) Produzir uma cartografia que possa destacar as estratégias de deslocar percebidas em campo.

3 Abordagem da pesquisa

O desenvolvimento da pesquisa advém inicialmente de uma investigação bibliográfica e de leitura crítica que abordam o caminhar, entendendo esta atividade como ação de conhecimento, questionamento e modificações do espaço público. Através do exercício de caminhar, observar e escrever criticamente sobre a experiência do deslocar na cidade de Brasília se busca evidenciar as divergências encontradas na produção de imagens estáticas e homogêneas presentes na ferramenta *Google Street View* e as fotografias realizadas em campo que destacam a multiplicidade e movimento da vida cotidiana.

4 Resultados e discussões

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa foi possível elaborar um levantamento da área de estudo escolhida composto por: fotografias de áreas de sensação de

vulnerabilidade, áreas de maior identificação, fotografias de como ocorre o deslocamento de mulheres na área, narrativas de vivência e imagens retiradas do *Google Street View*.

Dessa forma, é através da leitura desse levantamento que foi possível identificar os gestos individuais reproduzidos por corpos femininos que, de certa forma, os transformam em gestos coletivos das mulheres que se deslocam nessa área, sendo esses: o cuidar, o observar e o carregar. A partir disso, foram produzidas sobreposições de imagens que evidenciam através dos gestos a forma como a mulher se desloca no espaço.

5 Referências

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2002.

DEUTSCHE, Rosalyn. **Agorafobia**. Revista Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA - UFRJ, Rio de Janeiro, n. 36, p. 116 - 173, dezembro, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

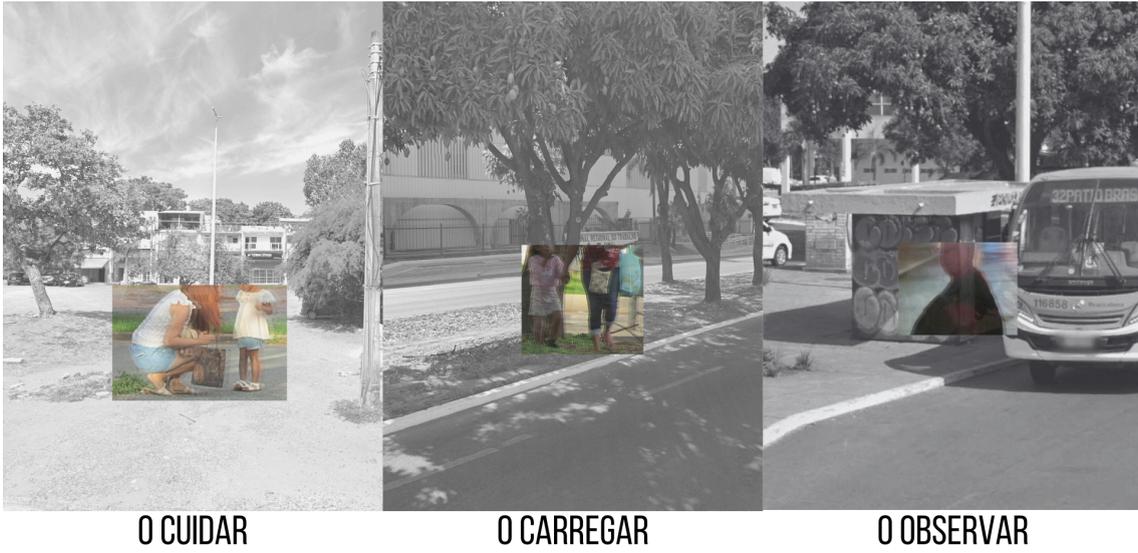


Figura 1: Colagens que exemplificam os gestos: o cuidar, o observar e o carregar. Produzidas com sobreposição de imagem do Street View e fotografias autorais. Fonte: Acervo da autora.